

COSTUME E CULTURA NA INGLATERRA DO SÉCULO XVIII

Dea Ribeiro Fenelon*

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

A publicação de *Costumes em comum* em tradução brasileira foi motivo de grande satisfação para todos aqueles que aguardavam a oportunidade de acesso a mais este livro, que, afinal, propõe clarear e discutir muito das perspectivas aventadas por Thompson desde sua marcante obra *A formação da classe operária inglesa*, publicada na Inglaterra em 1963 e no Brasil em 1987.

Customs in common, sem o subtítulo da tradução, editado na Inglaterra em 1991, marca o retorno de E. P. Thompson aos escritos e estudos históricos depois de uma década de atuação nas trincheiras e vanguardas do movimento pacifista mundial, particularmente na Inglaterra e na Europa. As condições de saúde, por ocasião desta volta, já não eram as melhores, e, no dizer de muitos, estes últimos anos de Thompson foram tempos de uma corrida contra o relógio, na luta entre a doença e os compromissos assumidos que, com esperança e ansiedade, procurava cumprir e terminar, fosse para concluir uma redação ou pesquisas por realizar nos inúmeros estudos e textos que deixara para trás.

Desde os últimos anos da década de 80, apesar dos esforços para continuar ministrando cursos esporádicos na Inglaterra, Estado Unidos ou Canadá, ou proferindo palestras em várias Universidades, era visível o seu abatimento, e os sinais evidentes de uma saúde debilitada eram facilmente identificáveis, até mesmo pela comparação de suas fotos com as do início da década de 80. Seu comentário após uma longa convalescença, em 1991, foi o de que “evidentemente que ainda devo ter alguma missão no

* Professora do Departamento de História da PUC-SP.

mundo, pois já escapei da morte por pouco, por duas vezes”. Em meio às dificuldades financeiras e de saúde, seus últimos anos foram marcados pelo comprometimento a que se impôs de concluir vários projetos que tanto desejava e se comprometera realizar. Basta dizer que seu *Witness against the beast: William Blake and the moral law* acabou saindo do prelo dois meses antes de sua morte, em 1993.

Em outro livro, um dos últimos em que pôde ainda trabalhar com o afincado de sempre, no prelo quando de sua morte, *Alien homage*, reuniu cartas e postais pesquisados na correspondência de seu pai Edward John Thompson e o poeta indiano Rabindranath Tagore. Para o filho, expor e tentar revelar o significado e o tom dessa relação representou a oportunidade de refletir sobre as possibilidades do internacionalismo, pelo qual havia lutado no movimento pacifista. Trabalhar com momentos tão carregados de todas as incompreensões dos conflitos de interesse vivenciados no contato entre Ocidente e Oriente pareceu-lhe um desafio digno de enfrentar. O livro, uma inesperada incursão de Thompson no campo das relações ou do contato entre as culturas indiana e britânica possibilitou apresentar os aspectos culturais do nacionalismo indiano e as reflexões de seu pai, um missionário e sempre “um amigo da Índia”, mesmo nos contextos exacerbados do imperialismo.

Na verdade *Customs in common* era uma das obras prometidas desde a conclusão de *A formação da classe operária inglesa* e de seu crescente interesse por estudos sobre o tempo e a economia moral como parte de uma preocupação acentuada com a história social da Inglaterra do século XVIII. Sempre exigente e bastante severo consigo mesmo e com sua produção histórica, ou de qualquer outra natureza, Thompson confidenciou a amigos, ao terminar a obra, que temia sobre partes dela pois as considerava “datadas” e “enfadonhas”. Ainda assim a publicação do livro serviu para reunir e detalhar com maior clareza muito da visão de Thompson sobre a Inglaterra e proporcionar aos estudiosos do período condições de inúmeras reinterpretações sobre alguns tópicos até ali ignorados ou no mínimo relegados e desconsiderados como relevantes. Resenhas e críticas sobre a obra, publicadas nas mais variadas revistas acadêmicas ou jornais e suplementos literários de língua inglesa, não se cansaram de reconhecer e acentuar a importância e o valor do texto, sobretudo no que consideraram como a possível relação entre os ensaios sobre o século XVIII e as questões-chave e interpretativas de *A formação da classe operária inglesa*.

O sucesso foi mais uma vez a marca do conhecimento para com os escritos de Thompson, e o livro logo conquistou os meios acadêmicos, na forma polêmica de sem-

pre, para ser considerado como um *momentum* na historiografia e um clássico na abordagem do período.

Seu estilo forte, polêmico e irônico continua presente, bem como todas as evidências de um historiador preocupado, seja com o constante diálogo, aprofundando e buscando com entusiasmo suas fontes, o que realiza e apresenta tão bem, seja com as articulações teóricas e metodológicas, sempre acompanhadas de uma visão política tornada clara em suas expressões de busca de um projeto de explorar e vivenciar possibilidades visando a renovação política. Tudo isso, como já se disse, com o gênio verbal de uma linguagem ferina e precisa, que nada deixa escapar, em sua atenta politização, que ele considerava a razão de ser do trabalho histórico, ou seja, a preocupação com o presente e a conjuntura inglesa e mundial, traduzidas, por exemplo, em suas constantes críticas e ataques às premissas thatcheristas.

O eixo comum que percorre e sintetiza a abordagem do período pode ser apresentado como a preocupação em investigar o como, na cultura costumeira do povo inglês, durante o século XVIII, se deu a concretização das lutas de reação ao avanço do capitalismo e seu decantado “mercado”. Para isso identifica, a partir de detalhada e rica investigação, práticas e tradições na tentativa de compreender o que chama de “paradoxo característico daquele século: uma cultura tradicional que é ao mesmo tempo rebelde” (p. 17).

O conteúdo do livro não é totalmente novo. Em alguns casos, trata-se de revisar escritos antigos, fundindo artigos já publicados. Em outros, de retomar questões deixadas sem maiores detalhamentos. Mesmo assim a discussão de todos os ensaios passa pela intenção de abordar o tema do “costume” e a maneira como se manifestou na cultura dos trabalhadores, reforçando a tese de que no século XVIII a consciência e os usos costumeiros eram fortes e criativos e recusando a idéia dominante na historiografia inglesa de que esses foram tempos de declínio desses costumes. E o interesse se dirige para investigar a constante luta entre as pressões por reforma desses costumes e a resistência a elas. Essa situação, afirma o autor, acabou resultando em um distanciamento cada vez mais acentuado entre a cultura patricia e a plebéia.

Diferenciando sua abordagem daquela dos folcloristas, que sempre se aproximaram da questão tentando reunir à maneira de colecionadores os chamados resíduos ou as “antiguidades”, somente encontradas em locais distantes, o autor procura mostrar como esse tipo de análise acaba perdendo o significado do “*costume*” na vivência e ambiência do período. Propõe-se então recuperar a historicidade desses costumes, em vez de separá-los do contexto de experiência dos que se rebelaram ou encontraram formas de

ajustamento. Sobretudo para destacar que estas foram opções de sujeitos históricos. Ainda que tenham sido derrotados muitas vezes, importa perceber que foram caminhos alternativos explorados como possibilidades históricas, que foram experimentadas no cotidiano das lutas da sociedade inglesa. Todos esses estudos reforçam e fazem avançar sua tese mais abrangente de que se está diante de uma cultura tradicional, mas rebelde.

E, resta enfatizar, é esta a preocupação central deste livro, ou seja, explorar nessa contradição o sentido de uma cultura conservadora da plebe, que quase sempre resiste em nome dos costumes às racionalizações e inovações de economia, tais como o cercamento dos campos, a disciplina do trabalho, os livres mercados e outras práticas. São essas inovações do processo capitalista, apresentadas como “modernizadoras”, mas que são experimentadas pela plebe como expropriação ou exploração de direitos do uso costumeiro. Neste sentido e somente neste, a cultura popular é rebelde, diz o autor, mas essa rebeldia se dá em defesa do costume, retomando as regras anteriores para defender e legitimar seus interesses, selecionando aspectos de práticas e tradições que, a rigor melhor defendem seus interesses na atualidade.

Para explicar com mais força sua compreensão sobre a maneira de tratar o período, Thompson discute amplamente, no primeiro capítulo, o significado de *Costume e tradições*. E procura questionar, como já enfatizara anteriormente, o hábito e o risco das generalizações sobre cultura e, principalmente, a cultura popular ou da plebe. Mais uma vez salienta a importância da investigação exaustiva para colocar práticas e tradições em seu devido contexto histórico. Para isto é preciso ser capaz de, através da investigação, localizar essas relações nas situações históricas de trabalho, exploração e resistência, bem como nas relações de poder que garantiram a hegemonia dos dominantes. Só assim a cultura popular poderá ser reconhecida no lugar que lhe corresponde, materializada em práticas e não apenas como um conceito vago para homogeneizar aquilo que é diverso e plural.

Atento à contemporaneidade de suas temáticas, o autor resume seus objetivos ao final deste capítulo introdutório em que problematiza *costume e cultura*:

No entanto, sabemos também que as expectativas globais estão se avolumando como o dilúvio bíblico, e que a presteza da espécie humana em definir necessidades e satisfações materiais de mercado – despejando todos os recursos da Terra no mercado – pode ameaçar a própria espécie (no Sul como no Norte) com uma catástrofe ecológica. O responsável por essa catástrofe será o homem econômico, seja na sua forma clássica do capitalismo avaro, seja na forma do homem econômico rebelde da tradição marxista ortodoxa. Como o capitalismo (ou seja, o “mercado”) recriou a natureza humana, a economia política e

seu antagonista revolucionário passaram a supor que esse homem econômico fosse eterno. Vivemos o fim de um século em que essa idéia precisa ser posta em dúvida. Nunca retornaremos à natureza humana pré-capitalista; mas lembrar como eram seus códigos, expectativas e necessidades alternativas pode renovar nossa percepção da gama de possibilidades implícitas no ser humano. Isto não poderia até nos preparar para uma espécie em que se dissolvessem as necessidades e expectativas do capitalismo e do comunismo estatal, permitindo que a natureza humana fosse reconstruída sob uma nova forma? (p. 23)

O ensaio sobre “Costume, lei e direito comum” (capítulo 3) é importante para uma discussão também já realizada em outros momentos de sua produção historiográfica, principalmente em *Senhores e caçadores* (1987). O importante a ser levado em conta na investigação é a compreensão de que o costume também pode ser considerado como prática costumeira e igualmente como lei. Essa argumentação repousa em “dois pilares”, diz o autor – o uso em comum e o tempo imemorial, sendo o tribunal senhorial assim como a Igreja os guardiães dessa memória. E aí surge em riqueza de detalhes e exemplos, sustentados por sólida pesquisa para corroborar a argumentação proposta. Além disto consegue esclarecer disputas que no entender do autor “não eram excepcionais, eram normais, os direitos comuns eram exercidos de acordo com o costume consagrado pelo tempo, mas as disputas a seu respeito também seguiam formas consagradas pelo tempo” (p. 9), e, por isso, ao tirar as terras comerciais dos pobres, os cercamentos os transformaram em estranhos em sua própria terra.

Não há dúvida de que os capítulos 4 e 5 correspondem a uma das mais interessantes discussões do livro e também a um de seus melhores momentos. Ao optar pela republicação do original artigo “A economia moral da multidão inglesa do século XVIII”, tornado público em 1971 pela revista *Past and Present*, para depois trabalhar aqui “Economia moral revisitada”, Thompson se coloca a oportunidade de não apenas responder às inúmeras críticas que recebeu, mas de ampliar suas reflexões sobre os limites, configurações e alcance histórico de sua idéia da “economia moral”.

Sem reivindicar a exclusividade ou a paternidade da noção de “economia moral”, Thompson procura, antes, explicar o alcance ou os propósitos de sua análise, para a Inglaterra do século XVIII. Para isto acentua seu interesse em examinar o que chama de cultura política, ou seja, as expectativas, as tradições, as superstições dos trabalhadores que se envolviam nas ações e nos confrontos nas praças dos mercados sobre o acesso aos alimentos. Nesta direção, ressalta o autor, torna-se importante observar as praças de mercado e as práticas específicas dos comerciantes, sem abandonar uma análise mais sistemática das relações aí estabelecidas, pois só assim se poderá com-

preender o “espaço político” em que podia agir a multidão para negociar suas demandas. A falta de melhor termo aceita a designação genérica e o uso do termo “motins da fome” para esses acontecimentos, não deixando de protestar quanto às transposições da categoria para outras situações históricas. Pode-se encontrar semelhanças, diz Thompson, mas é preciso se lembrar de que esses conflitos foram investigados no campo de forças determinado das relações inglesas do século XVIII.

O motim – um termo em si, canhestro, que talvez mais oculte que revele – não é uma resposta “natural” ou óbvia à fome, mas um padrão sofisticado de comportamento coletivo, uma alternativa coletiva às estratégias individuais e familiares de sobrevivência. Não há dúvida que os amotinados tinham fome, mas a fome não prescreve que eles devam se rebelar nem determina as formas da revolta (p. 208).

E, afinal, é preciso refletir e levar em conta que “a relação das pessoas com os alimentos” envolve sistemas de poder, propriedade e leis.

Também o ensaio “Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial”, já publicado em *Past and Present*, em 1967, pouco depois do término de seu trabalho sobre a classe operária inglesa, é apresentado sem alterações, quase trinta anos depois. De forma nenhuma perdeu a importância em seu conteúdo e impacto. A força de seus argumentos, a riqueza das pistas sugeridas e das questões levantadas para o debate antecipa o lugar e a presença que as teses de Thompson ocupariam, dali por diante, na historiografia sobre as classes trabalhadoras na Inglaterra e no resto do mundo.

Nos capítulos 7 e 8, “A venda de esposas” e “Rough music”, frutos de idéias e pesquisas apenas esboçadas anteriormente, pode-se perceber o esforço para revelar aspectos não muito estudados da cultura plebéia inglesa.

No caso de “A venda de esposas”, os indícios e as pistas para a investigação são escassos, mas ainda assim importantes para penetrar nos meandros da cultura do povo inglês ou “abrir uma janela”, como sugere o autor. E a prática de “levar a esposa ao mercado amarrada por uma corda” não era um fato incomum, mas altamente ritualizado, com cerimonial estabelecido e regras a serem cumpridas para que se consumasse a “entrega”, significando à época “liberar, ceder ou transferir a posse de outro”. A corda era essencial para o ritual e garantia da legalidade da transação, sempre realizada em público, com testemunhas, visualizando uma forma de divórcio consentido e a maneira costumeira de realizá-lo.

A “Rough music”, último ensaio do livro, também é proposta como janela para examinar mais detalhadamente a cultura popular do período. Denota, diz o autor, “uma

cacofonia rude, com ou sem ritual mais elaborado, empregada em geral para dirigir zombarias ou hostilidades contra indivíduos que desrespeitaram certas normas da comunidade”. Inegável que está associada a outras formas de rituais bastante antigos espalhadas por toda Europa. Em suas formas as mais variadas, poder-se-ia imaginá-la como um “teatro de rua”, assinala o autor, em que o barulho pode ser a característica dominante, como forma ritualizada de hostilidade em relação a uma pessoa ou acontecimento, visto por alguns até como forma de canalizar essa hostilidade. E todos esses rituais foram bastante maleáveis com acentuada flexibilidade conforme a região e o fato, mas sempre significando desonra pública e definitiva.

Debatendo mais uma vez com folcloristas e outros observadores que registraram alguns desses atos como “antiguidades populares” ou como sinais peculiares de uma cultura com a qual pouco se identificavam ou reconheciam como parte das tradições inglesas. Mas, nesta direção, Thompson explora bastante a idéia de uma cultura popular com fortes traços de autonomia, ou pelo menos capaz de impor seus costumes, de maneira distanciada das leis formais. A prática pode revelar, sem dúvida, modos de vida em que a comunidade estabelecia suas formas de controle social.

Com toda essa gama de trabalhos sobre a cultura plebéia, todos os seus aspectos e inúmeras maneiras de experimentar sua situação social, não será demais enfatizar, mais uma vez, a importância do livro para quantos tentam enveredar na compreensão da cultura como categoria abrangente e capaz de nos levar a análises de modos de vida, de trabalho, de lazer, tudo compreendido no embate das situações históricas vivificadas e no campo de forças contemporâneo.